UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

ROBSON DOS SANTOS SOUZA

AS MÍDIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: A TECNOFOBIA EM QUESTÃO

CAMPINA GRANDE – PB
2019

ROBSON DOS SANTOS SOUZA

AS MÍDIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: A TECNOFOBIA EM QUESTÃO

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como exigência do Curso de Licenciatura em Letras, para a obtenção do título de Graduado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profª. Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha

CAMPINA GRANDE - PB
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729m Souza, Robson dos Santos.
As mídias digitais na formação do professor [manuscrito] : a tecnofobia em questão / Robson dos Santos Souza. - 2019.
29 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Simone Dália de Gusmão Aranha , Departamento de Letras e Artes - CEDUC."
1. Tecnologia educacional. 2. Mídias digitais. 3. Formação docente. 4. Tecnofobia. I. Título
21. ed. CDD 371.33

Elaborada por Luciana D. de Medeiros - CRB - 15/508 BCIA2/UEPB

ROBSON DOS SANTOS SOUZA

AS MÍDIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: A TECNOFÓBIA EM QUESTÃO

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como exigência do Curso de Licenciatura em Letras, para a obtenção do título de Graduado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Educação.

Aprovado em: 27/06/2019

BANCA EXAMINADORA

Simone Dália de Gusmão Aranha

Profª. Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Robéria Nádia Araújo Nascimento

Profª. Drª. Robéria Nádia Araújo Nascimento
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Tânia Maria Augusto Pereira

Profª. Drª. Tânia Maria Augusto Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos que sempre permitem que eu seja alguém em suas vidas e de maneira carinhosa, àquela que me acolheu em seu reinado de amor, seu coração, Profª Drª Simone Dália, DEDICO.

“As novas tecnologias precisam necessariamente ser um instrumento mediador entre o homem e o mundo, o homem e a educação, servindo de mecanismo pelo qual o educando se apropria de um saber, redescobrindo e reconstruindo o conhecimento.” (NISKIER, 1993, p, 11)

SUMÁRIO

1 CONTEXTUALIZAÇAO DO TEMA..... 8

2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ERA DIGITAL..... 8

3 O PAPEL DAS TECNOLOGIAS NO CAMPO EDUCACIONAL..... 10

4 AS MÍDIAS DIGITAIS NA ESCOLA: A TECNOFOBIA EM QUESTÃO13

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS 15

6. COLETA DE DADOS..... 17

7. RESULTADOS..... 23

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 24

REFERÊNCIAS..... 24

APÊNDICES 26

ANEXOS..... 27

AS MÍDIAS DIGITAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR: A TECNOFOBIA EM QUESTÃO

SOUZA, Robson dos Santos[1]

RESUMO

Considerando o avanço das novas tecnologias nas esferas sociais, e, consequentemente, a sua inserção no espaço escolar, este estudo objetiva, de uma forma geral, discutir sobre a inserção das mídias digitais na formação do professor e as suas dificuldades na utilização dessas tecnologias em sala de aula, e indaga: A inserção de mídias digitais em sala de aula contribui, efetivamente, para a prática docente? Como objetivos específicos, o presente estudo busca analisar se os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, da cidade de Campina Grande – PB, que serviu de campo de pesquisa, inserem em suas aulas as mídias digitais e qual o impacto da tecnologia em sua formação docente; e 2) Investigar, através de um questionário, se existe tecnofobia nesse ambiente escolar. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e de caráter descritivo, servindo-se de um questionário, como técnica de pesquisa para a coleta de dados, que, entre outras questões enfocou a tecnofobia: a resistência do professor na utilização de recursos tecnológicos no contexto escolar. A partir dos dados analisados, constatou-se que o uso de mídias digitais, como ferramenta de trabalho, possibilita, ao professor, ajustar sua didática a nova realidade social, no momento que favorece, ao aluno, o contato com suas vivências, as quais não devem ser ignoradas na escola.

Palavras-chave: Mídias digitais. Formação de Professor. Tecnofobia.

ABSTRACT

Considering the advancement of new technologies in the social spheres, and, consequently, your inclusion in the school space, this study aims to, in General, to discuss the insertion of digital media in the formation of the teacher and their difficulties in use of these technologies in the classroom, and wonders: the insertion of digital media in the classroom contributes effectively to the teaching practice? Specific objectives of the present study seeks to examine whether the State school teachers from elementary and secondary Ademar Veloso da Silveira, the city of Campina Grande-PB, He served as a research field, enter in your classes digital media and the impact of technology in your teacher education; and 2) Investigate, through a questionnaire, if there is technophobia in this environment. It was developed a field research, qualitative and descriptive character, using a questionnaire as technique for data collection, which, among other issues focused on the technophobia: the teacher's resistance in the use of technological resources in the school context. From the data analyzed, it was found that the use of digital media, as a working tool, allows the teacher, adjust your teaching the new social reality in the moment favours, the student, contact with their experiences, which should not be ignored in school.

Keywords: Digital Media. Teacher Training. Technophobia.

[1] Graduando em Letras/Português. robsonsantossouza91@gmail.com

1 CONTEXTUALIZAÇAO DO TEMA

O mundo globalizado exige que estejamos em constante adaptação e isto faz com que o professor passe a refletir sobre a utilização dos novos recursos pedagógicos, que surgem com o advento das tecnologias digitais, para que possamos atuar neste novo modelo de Educação. Um bom professor tem um papel fundamental na vida do seu aluno e a decisão sobre como devem ser formados estes novos profissionais impacta tudo o que está relacionado à Educação. Com as mudanças constantes nas formas de aprender e ensinar, os cursos de licenciatura devem preparar os futuros professores para dialogarem com a nova realidade da sala de aula, atuando como mediadores do ensino-aprendizagem. É preciso que os professores possam entender que não existe apenas um único meio para se atuar na sala de aula, mas temos que considerar outras formas de linguagens favoráveis à aprendizagem surgiram e estão no nosso dia a dia, para decifrar conteúdos encontrados em outros campos como a cultura e os formatos mediáticos, que estabelecem um elo entre a educação e o social. O fenômeno da tecnologia se encontra na sociedade atual e isso pode ser claramente percebido; sendo assim, a ação humana e a presença dos meios tecnológicos andam agregados não podendo ser mais desvinculados. Cresce a necessidade da inserção tecnológica em todos os âmbitos da sociedade e, por esse motivo, a escola não pode ser indiferente. Partindo dessas considerações, indagamos: A inserção de mídias digitais em sala de aula contribui, efetivamente, para a prática docente?

Nesta pesquisa intitulada *"As mídias digitais na formação do professor: a tecnofobia em questão"* buscamos, de uma forma geral, discutir sobre a inserção das mídias digitais na formação do professor e as suas dificuldades na utilização dessas tecnologias em sala de aula, uma vez que essas chegam às escolas e requerem metodologias adequadas para serem trabalhadas. Ao mesmo tempo, tratamos de analisar dentro do contexto formativo do professor a tecnofobia, que no meio educacional corresponde à resistência do professor na utilização desses recursos, observando que essa suposta aversão à presença das mídias tecnológicas não se dá apenas pelo não gostar do professor, mas também por interferências relacionadas à sua formação como docente e a infraestrutura do seu campo de trabalho. Assim, este estudo apresenta como objetivos específicos: 1) Analisar se os professores da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, da cidade de Campina Grande – PB, que serviu de campo de pesquisa, inserem em suas aulas as mídias digitais e qual o impacto dessas tecnologias em sua formação docente; e 2) Investigar, através de um questionário, se existe tecnofobia (resistência do professor à utilização de recursos tecnológicos) nesse ambiente escolar. Sendo a tecnofobia uma questão ainda pouco estudada nos despertou o interesse de pesquisá-la como a aversão à utilização de recursos tecnológicos, nos voltando para a sala de aula, onde também chega a tecnologia.

Destacamos o fato de professores e escolas procurarem, com urgência, novas formas para a aplicação de suas metodologias pedagógicas, com inserção das novas tecnologias. Apontamos também o fato de muitas das escolas já possuírem o contato com as diversas mídias e tecnologias digitais, no entanto, nem sempre os professores se sentem ou estão preparados para aplicá-las e desenvolvê-las em suas aulas.

Acreditamos, desde já, que a partir de um planejamento adequado em nossas escolas as novas tecnologias poderão contribuir para ações pedagógicas bem sucedidas, as quais o domínio da linguagem informacional e as mídias digitais são essenciais.

2 A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ERA DIGITAL

Em sua formação, os professores estão acostumados a cumprirem o que os textos escritos dizem. A formação acontece sem que haja um aprofundamento naquilo que diz

respeito às tecnologias tão presentes na sala de aula. Devido a isso, o professor se sente impotente para manusear esses recursos, mesmo quando a escola dispõe deles. Na era digital, as mídias e as tecnologias digitais chegam como benefício para auxiliar na prática pedagógica, mas, em contrapartida, exige, através do processo de formação continuada, uma constante renovação, ou melhor, uma atualização dos professores. Esta formação deve, além de habilitá-los teoricamente, ajudá-los na prática e no manuseio dessas novas tecnologias, para que seu uso no âmbito docente se torne mais acessível, pois existe as suas resistências às novas tecnologias em sala de aula:

> Todavia, novas exigências educacionais pedem às universidades um novo professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos meios de comunicação a novo professor precisaria, no mínimo, de adquirir sólida cultura geral, capacidade de aprender a aprender, competência para saber agir na sala de aula, habilidades comunicativas, domínio da linguagem informacional e dos meios de informação, habilidade de articular as aulas com as mídias e multimídias. (LIBÂNEO, 2010. p. 12)

A preocupação em ministrar o conteúdo se agrega a essa impotencialidade tecnológica, levando-o à lousa, às aulas explanatórias orais; todavia, nem sempre o que é explanado é compreendido pelo aluno que está sempre em contato com as mídias digitais no seu cotidiano:

> O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono dos conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. A que se afirma é que o professor medeia a relação ativa do aluno com a matéria, inclusive com os conteúdos próprios de sua disciplina, mas considerando os conhecimentos, a experiência e os significados que os alunos trazem à sala de aula, seu potencial cognitivo, suas capacidades e interesses, seus procedimentos de pensar, seu modo de trabalhar. Ao mesmo tempo, o professor ajuda no questionamento dessas experiências e significados, provê condições e meios cognitivos para sua modificação por parte dos alunos e orienta-os, intencionalmente, para objetivos educativos. Está embutida aí a ajuda do professor para o desenvolvimento das competências do pensar, em função do que coloca problemas, pergunta, dialoga, ouve os alunos, ensina-os a argumentar, abre espaço para expressarem seus pensamentos, sentimentos, desejos, de modo que tragam para a aula sua realidade vivida. É nisso que consiste a ajuda pedagógica ou mediação pedagógica. (LIBÂNEO, 2010. p. 13)

O professor adquire em toda a sua formação, além do conhecimento, diversas maneiras que podem dinamizar seu trabalho em sala de aula e, portanto, “o ofício do professor redefine-se: mas do que ensinar, trata-se de fazer aprender.” (PERRENOUD, 2000, p. 139).

Poderíamos destacar aqui dois grupos nessa era digital: os nativos digitais (aqueles que nasceram em contato com celulares, *tablets*, *notebooks* etc) e os imigrantes digitais (os já nascidos e que tentam se adaptar a essa era digital). Nesse contexto, podemos dizer que o primeiro grupo se refere aos alunos e o segundo grupo corresponde aos professores, respectivamente. Se o professor, em sua formação docente, teve o contato com alguma disciplina, que o fez ter aproximação com as mídias digitais em sala de aula, esta imigração acontecerá de forma mais leve, mas, se o contrário aconteceu, a sua imigração será mais complicada, pois ele não teve a abertura a essas novas formas de ensinar. Esta imigração para as mídias digitais em sala de aula se faz necessário, devido os nossos alunos estarem em

contato permanente com o digital e isto faz que nós, professores, possamos ter um olhar e uma reflexão sobre este fenômeno.

Defendemos que, em toda formação docente, haja a inclusão de disciplinas que preparem o professor para o futuro em sala de aula. Isto não significa dizer que ele estará completamente pronto para dominar as habilidades necessárias, mas, será minimizado o choque com a presença do fenômeno digital no seu campo de trabalho. Observando que os métodos, teorias e práticas existentes não correspondem totalmente às necessidades das gerações futuras, ignorar a demanda tecnológica não é o caminho certo. É preciso que o professor aproveite as ferramentas que a tecnologia digital traz para o espaço escolar, apropriando-se dessas ferramentas e que possa utilizá-las no auxílio do desenvolvimento do ensino-aprendizagem, e que ainda o professor possa entender que não é incapaz de utilizar as mídias digitais em seu campo de trabalho:

> Antes, porém, é preciso estar atento aos discursos que apenas desqualificam a competência do professor para cumprir seu trabalho. Um desses discursos, para nós, é justo este que os professores não sabem ou são incapazes do uso e dos planejamentos com tecnologias novas. (RIBEIRO, 2018, p.104)

Portanto, reconhecer que a sociedade está cada vez mais tecnológica, e que no processo de formação do professor devem estar inclusas habilidades e competências para lidar com as novas tecnologias, é algo que não se pode ignorar. Essa questão se torna importante, pois o professor é participante desta nova sociedade, que está inserida em um rápido processo de transformação e que se torna algo vital para seu aperfeiçoamento profissional.

3 O PAPEL DAS TECNOLOGIAS NO CAMPO EDUCACIONAL

Ao mencionarmos a palavra tecnologia, logo pensamos em *smartphones*, *tablets*, computadores, *pendrives* e nos benefícios que eles nos proporcionam, tais como mobilidade, tempo, espaço e dinâmicas de tarefas na contemporaneidade. No entanto, a tecnologia não se restringe apenas a isso, ou seja, não se limita somente a artefatos digitais, uma vez que se trata de toda a invenção humana posta em prática, após experiências desenvolvidas através do conhecimento científico, para criar ou transformar o meio social em que vivemos. Um exemplo de tecnologia comum à vida humana é o domínio do fogo para o preparo dos alimentos. A tecnologia tornou-se uma prática estritamente humana, pois na natureza somente o homem é capaz de criar, sistematizar, aperfeiçoar, ensinar e aprender os conhecimentos envolvidos na prática. Também só o homem é capaz de avaliar os pós e contras de suas criações, para, então, tomar decisões sobre elas. A tecnologia não é só um meio de agir sobre a natureza, mas sim, de pensar sobre ela.

É importante atentarmos para a etimologia da palavra grega: *téchne* refere-se à arte ou ofício e *logos* ao estudo de algo, como disse Aristóteles: “tecnologia não é um simples fazer, é um fazer com logos” (conhecimento). No âmbito educacional, um dos principais documentos que sustentam, pedagógica e politicamente, a educação brasileira, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), definem tecnologia da seguinte forma:

> A tecnologia é um instrumento capaz de aumentar a motivação dos alunos, se a sua utilização estiver inserida num ambiente de aprendizagem desafiador. Não é por si só um elemento motivador.. Se a proposta de trabalho não for interessante, os alunos rapidamente perdem a motivação. (BRASIL, 2001, p. 157)

Assim, a instituição escola é uma tecnologia da educação que surge da necessidade de proporcionar educação a todos. A habilidade de criar, transformar e aplicar, as aprendizagens são exclusivas do homem; bem como a de ensinar e aprender. Desde as primeiras civilizações o homem acumula, aperfeiçoa e transmite os conhecimentos que acham relevantes. O ato de ensinar e aprender não são exclusivos da escola. O homem primitivo aprendia a caçar, acolher e a domesticar animais e muitas outras atividades que eram necessárias à sua sobrevivência e as ensinavam para seus filhos, que, por sua vez, ensinavam para seus netos e assim por diante. Todo conhecimento considerado importante era aprendido, aperfeiçoado e ensinado de pai para filhos, seguindo até a organização das sociedades mais complexas.

Com o progresso da política e da economia os interesses foram ficando mais difíceis, criando a necessidade dos primeiros especialistas que pudessem transmitir o conhecimento. Os campos de estudos foram se ampliando e as possibilidades do conhecimento ganharam novas perspectivas ao ponto da educação familiar, aquela passada de pai para filho, já não ser capaz de abranger tudo o que fosse essencial para a formação do indivíduo.

A necessidade de sistematizar a educação, aprofundar os conhecimentos e aperfeiçoar o ensino impulsionou a escola. Dentro da escola ainda funcionam, em conjunto, uma série de tecnologias, para que seja capaz de cumprir seu objetivo de educar. Sancho (2001, p.20) classifica a tecnologia em três grupos: Tecnologia Instrumental, Tecnologia Simbólica e Tecnologia Organizadora. As Tecnologias Instrumentais dão conta de todas as invenções físicas; as Tecnologias Simbólicas das formas de comunicação utilizadas pelos homens e, por fim, as Tecnologias Organizadoras tratam dos contratos sociais existentes em nosso convívio.

É possível afirmar que os professores utilizam esses três tipos de tecnologia, que os ajudam na didática e na metodologia de suas aulas. Eles usam a Tecnologia Instrumental, que seria o quadro, o livro didático, o giz; a Tecnologia Simbólica, que representa toda a linguagem utilizada para transmitir o conteúdo. E utilizam a Tecnologia Organizadora para, por exemplo, dividir os alunos em sala, de acordo com a idade, a ordem de chamada ou divisão do bimestre.

Se a ação de ensinar é uma tecnologia, quem a põe em prática é um tecnólogo, neste caso, podemos dizer que o professor é um tecnólogo da educação, porque utiliza conhecimento teórico e prático para aplicar métodos e técnicas no ato de educar. Por isso, é muito importante que os educadores estejam sempre em processo de formação continuada, aprofundando e incorporando novos conhecimentos, porque ele lida com artefatos, símbolos, linguagem verbal, simbólica, icônica, a teoria que embasa sua proposta pedagógica e muitas outras tecnologias, que envolvem o processo educacional e que estão em constante transformação.

O processo de desenvolvimento das Novas Tecnologias no contexto da Educação tem sido algo desafiador, mas as experiências postas em prática apresentam resultados positivos. Desafiador também é o processo ensino-aprendizado que, como nunca, nos faz refletir bem sobre esta inserção tecnológica em sala de aula. Tudo isto é acarretado de informações, múltiplas fontes, visões diferentes de mundo e uma diversidade tecnológica que, na maioria das vezes, ajuda nesse processo:

> Educar hoje é mais complexo, porque exigem muitas competências e habilidades necessárias para a convivência politicamente correta. Abrem-se novos campos na educação e precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, estar com os alunos, orientar as atividades, definir o que vale a pena fazer para reaprender, juntos ou separados. Precisamos transformar o espaço escolar e da aprendizagem, dentro e fora da sala de aula, em um lugar prazeroso e de criação. (PEROLIN, 2009, p.99).

O essencial na integração destas novas tecnologias no campo educacional é procurar melhorias e estratégias, pelas quais os professores possam utilizá-las para auxiliá-los no seu trabalho docente. Quanto a isso, Ribeiro (2018) apresenta seis elementos que, mesmo já existentes, se associam ao campo digital, para que os professores possam desenvolver junto às metodologias em sala de aula. O primeiro elemento é a "vontade de aprender". O professor acaba sentindo a curiosidade em saber como utilizar algumas das ferramentas digitais em sala de aula. A autora nos fala que muitos professores têm sentido a necessidade, seja por pressão da instituição ou pela cobrança da sociedade, para utilizar as mídias digitais em suas aulas:

> Ao que parece, muitos professores têm sido movidos pela necessidade, seja na forma de pressão institucional, seja na cobrança social. No entanto, a necessidade pode não ser o melhor gás para algo que também demanda boa vontade e disponibilidade. (RIBEIRO, 2018, p. 108)

O segundo elemento é o "usar". É preciso que o professor seja usuário das ferramentas tecnológicas, pois o conhecimento dos mecanismos e funcionalidades de aplicativos é essencial para que se trabalhe em sala de aula, por exemplo, com as redes sociais. Se não há uma utilização destas ferramentas, o professor acaba realmente não vendo utilidade nenhuma em seu manuseio. O terceiro elemento é o "relacionar", que associa a idade e tempo de experiência do professor com o emprego das mídias digitais em seu campo de atuação. O quarto elemento é o "experimentar". Este elemento se mostra como caminho para novas possibilidades, pois, enxergando erros e acertos na utilização dos meios tecnológicos trabalhados na sala de aula, isto fará com que o professor possa sempre mais experimentar novos meios de tornar suas aulas mais tecnológicas.

O quinto elemento, "avaliar", se observa em situações fundamentais para o contínuo trabalho com a tecnologia em sala de aula. A autora destaca a apresentação, a utilização e a pertinência de algum *software*; avaliar o seu desempenho na sala de aula, o que trouxe de contribuição para aprendizagem dos alunos e, se não deu certo, cabe ao professor fazer a substituição por outra ferramenta tecnológica, não ignorando a ferramenta antiga, mas se deu certo destacar os resultados. Sobre o último elemento, "gestão do tempo de trabalho" a autora explica as substituições do trabalho feito no papel (preenchimento de diário de classe, com frequências e notas dos alunos, conteúdos e atividades trabalhadas), agora realizadas por meio digital, como também a gestão pode se conectar com os professores; as cobranças e exigências podem chegar a eles de forma rápida:

> Lembramo-nos também de outro aspecto que influencia na gestão do tempo do professor: a conexão irrestrita e os tempos da web. O acompanhamento de grupos em redes sociais ou de produções via editores de texto em nuvem pode atravessar noites e finais de semana. Reclamações e solicitações podem chegar ao professor por WhatsApp, *inbox* de redes sociais ou por *e-mail*, a qualquer momento, exigindo respostas rápidas que o professor nem sempre pode ou está disposto a dar. (RIBEIRO, 2018, p. 108)

A esse respeito, se faz necessário a observação para a má gestão do trabalho docente, que acaba sendo interpretada de forma prejudicial, quanto à utilização das ferramentas tecnológicas no ensino aprendizagem. As capacidades do professor devem ser respeitadas, de forma a servirem de estímulo para o uso das mídias digitais em seu trabalho docente.

Os avanços tecnológicos no campo educacional devem ser entendidos como aliados aos processos em qualquer modalidade de ensino, ou seja, ele não pode ser limitado e

destacamos aqui este processo tecnológico, quando falamos em metodologias de ensino à distância. O desenvolvimento e crescimento desse tipo de método trouxeram mudanças significativas na forma de ensinar. É necessário que as escolas, universidades e demais instituições de ensino se mantenham atualizadas. Incorporando esse tipo de metodologia, seja através de programas educativos e pedagógicos completos e totalmente à distância ou complementares ao que é ensinado em sala de aula, de forma híbrida. As vantagens são inúmeras: o conhecimento pode ser compartilhado de forma mais rápida e levado a qualquer parte; o acesso remoto traz comodidade e praticidade para alunos e professores; o ritmo de aprendizado individual é respeitado.

Portanto, excluir as novas tecnologias – a digital - dos métodos de aprendizado não é mais uma opção. Ela faz parte da vida das gerações atuais e deve ser trabalhada a favor do aprendizado. É fundamental considerar a tecnologia digital como uma ferramenta aliada para o ensino, um benefício à Educação que, junto com conteúdos pedagógicos de qualidade e a atuação de bons profissionais, potencializa a divisão dos conhecimentos e leva o aluno o mais longe que pode chegar ao aprendizado!

4 AS MÍDIAS DIGITAIS NA ESCOLA: A TECNOFOBIA EM QUESTÃO

Vivemos em um cenário sociocultural que afeta e modifica nossos hábitos, modos de trabalhar e de aprender, além de introduzir novas necessidades e desafios relacionados à utilização das tecnologias na educação. As mídias digitais começam a se fazer presentes nas escolas junto a essas possibilidades de interação advindas da tecnologia, e provocam essa revolução no campo educacional.

Estas realidades tecnológicas que ultrapassam os muros das escolas acabam afetando os professores, pois, alunos, seus familiares e as Instituições exigem que os professores possam se atualizar e tenham a capacidade de utilizar toda essa tecnologia que surge em massa, trazendo-as para a sala de aula. Não é fácil para o professor se dedicar ao tempo que o horário determinado pela escola exige, em sala de aula, captando a atenção dos alunos e desenvolver o trabalho com as mídias digitais. Aos poucos, o quadro e o pincel vão sendo substituídos, no ambiente escolar, por telões, *datashow*, dentre outras formas digitais.

Na introdução deste artigo, citamos o termo que permeia esta pesquisa: a Tecnofobia ou Ciberfobia, porém, tanto um como o outro termo leva a um mesmo significado; aversão a tudo que é tecnológico. É possível dizer que uma pessoa é tecnofóbica ou ciberfóbica, por exemplo, quando chegamos a um banco e tem alguém que por não saber usar os terminais eletrônicos, despreza-os. O tecnofóbico sente medo de usar um celular ou até mesmo um computador, tão presente na vida social. Essas pessoas sentem medo de manusear o teclado do computador, e eventualmente provocar algum dano irreversível. Aparentemente não compreendem o que surge na tela, e não conseguem, ou mesmo não querem aprender a utilizar o computador em tarefas corriqueiras.

Já citamos a importância da formação continuada do professor, para que ele saiba lidar com tecnologias contemporâneas que envolvem o processo da educação. Estar antenados às atualizações da sociedade significa aumentar o repertório teórico e prático que o professor desempenha. Falar a mesma língua que os nossos alunos parece ser fundamental para que o andamento do ensino e aprendizagem atinja o sucesso. Apesar de a Educação contar com diversas áreas de pesquisa que visam melhorar o processo de ensino e aprendizagem, como as áreas da didática, metodologias aplicadas, avaliação de ensino e Psicologia Educacional, a escola não possui um modelo de atuação profissional, que garanta que o professor tenha êxito na tarefa de ensinar.

Em relação à tecnofobia sofrida pelos professores, há trabalhos que trazem para nós esta problemática. As sugestões apresentadas trazem da concepção e postura diante das novas tecnologias até o estímulo de vencer a tecnofobia e o melhoramento do ensino científico e tecnológico dos primeiros anos de ensino até à universidade. Estas contribuições nos incentivam a não irmos contra a tecnologia e não ficar de fora dos benefícios obtidos por ela, fazendo com que o nosso ambiente educacional permaneça na mesma realidade de se ensinar e aprender. Aos poucos, a tecnofobia vai sendo estudada e o medo é vencido e passam a serem vivenciadas habilidades que inovarão as metodologias em sala de aula.

Sobre a tecnologia na escola, Sancho (2001, p.22) classifica os professores em duas categorias: os tecnófobos e os tecnófilos. Tecnofobia, como sugere a palavra, é o medo de usar tecnologia (*tecno* vem da tecnologia e *fobia* de medo exagerado). No caso dos professores tecnófobos, são aqueles conservadores que encaram como perigo todo tipo de tecnologia que não estão acostumados. É como se usar novas tecnologias significasse deixar de lado os valores que construíram ao longo do tempo, é uma ameaça à forma que eles desenvolveram para ensinar. Se atualizar significaria, nessa perspectiva, voltar à estaca zero e ter que reaprender aquilo que um dia ele já dominou. Podemos citar o exemplo de professores que têm medo de usar o *tablet*, porque toda sua experiência escolar desde quando ele era aluno até quando aprendeu a ensinar foi baseado em livros, quadro e giz. Então, esse professor não acredita que outros instrumentos façam parte da educação e se recusa a experimentar novas formas de ensino e aprendizagem.

No extremo oposto vem a Tecnofilia, que é a aceitação das novas tecnologias, (*tecno* vem de tecnologia e *filia* de afeição, preferência). O professor tecnófilo enxerga na tecnologia o "portal mágico" para a resolução dos problemas da educação. Ele encara o uso da tecnologia como a grande saída para a modernização da prática do ensino, apostando toda a sua prática pedagógica nas inovações em tecnologia. É importante entendermos que toda invenção causa desconforto, por exemplo, para nós o uso da escrita é essencial, mas para a sociedade em que Sócrates viveu, não era. Naquela época, a organização social era oral e não escrita. Quando a tecnologia da escrita foi se popularizando, Sócrates foi completamente contra, porque achava que se começássemos a escrever, deixaríamos de usar a memória. Dizia ele: "se os homens aprenderem a escrever, o esquecimento será implantado em suas almas, pois deixarão de exercitar a memória e passarão a confiar somente no que estará escrito"... Sócrates (469 a.C – 399 a.C). Se atentarmos para o que esse filósofo defende, perceberemos que só podemos ser conhecedores de sua fala, porque Platão usou a escrita para registrar este acontecimento. Precisamos entender que os receios das inovações tecnológicas não estão somente na escola, mas na sociedade em geral, todavia, nos tempos atuais, especialmente, para a área da educação.

Na atualidade, podemos então conceber tecnófilos aqueles professores que depositam todo o desenvolvimento de sua aula a cargo de tecnologia, especialmente as instrumentais, como os tablets, os slides e computadores e se perdem no caminho, porque acabam esquecendo que, muitas vezes, essas inovações têm pouco a ver com os reais problemas da educação. Por fim, entendemos que posturas extremas não contribuem para a melhoria da educação. É importante que exista equilíbrio entre as posturas, sempre avaliando o que de melhor pode ser feito em cada situação.

A flexibilidade é algo que deve ser experimentada e colocada em prática, pois as mudanças causadas pela tecnologia acontecem de forma rápida. Sair de nossa área de conforto nem sempre é bom e quando analisamos o nosso habitual na sala de aula e o que chega de novo para trabalharmos nela, quando falamos de tecnologia, se como professores nos limitamos ou achamos que não somos capazes de administrá-las, se torna mais fácil não se esforçar-se tanto e continuar nosso trabalho como sempre. No entanto, naquilo que chega de novidade é preciso, mesmo com o que já temos, ter flexibilidade para agregar a tecnologia às

nossas metodologias de ensino; ter ousadia no manuseio em sala de aula e desenvolver novos métodos de aprendizagem:

> Os professores que sabem que as novidades tecnológicas aportam, bem como seus perigos e limites, podem dar-lhes um amplo espaço em sua classe. Esse conhecimento é instrumento valioso de ensino e de aproximação com o aluno. Um conhecimento tecnológico de base necessário para pensar as relações entre a evolução da Informática, as competências intelectuais e a relação com o saber que a escola deseja formar. Pelo menos sob esse ângulo, as novas tecnologias não poderiam ser indiferentes a nenhum professor, por modificarem as maneiras de viver, de se divertir, de se informar, de estudar, de trabalhar e de pensar. Tal evolução afeta o futuro dos nossos alunos e o que aprenderem na escola fará muita diferença na sua vida. (PERRENOUD, 2000, p. 138).

Assim, nessa era digital, não é fácil ser professor e diversos fatores envolvem esta situação, mas o processo de adaptação no manuseio das ferramentas digitais deve ser encarado como uma "exigência" social.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Apresentamos aqui o itinerário metodológico seguido em nossa investigação. Severino (2007. p.118) discorre que a escolha do tema de uma pesquisa, bem como sua realização é um ato político e, assim sendo, não possui neutralidade. Classificamos esta pesquisa, quanto à sua abordagem, de qualitativa[2], ao investigarmos a aversão às novas tecnologias (a tecnofobia), fenômeno que impede os docentes de as utilizarem em seu campo de trabalho e de se apropriarem dos meios digitais em suas práticas pedagógicas. Além disso, também foi investigada a inserção das mídias digitais na formação do professor e as dificuldades em utilizá-las em sala de aula. Sobre pesquisa qualitativa, Trivinos defende que:

> A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas, são produtos de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica, toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso, não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declarações das pessoas para dar o fundamento concreto necessário [...] (TRIVINOS, 1987. P.128).

Quanto à natureza, caracterizamos esta pesquisa como de campo, pois segundo Severino:

> o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem, sendo assim diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. (SEVERINO, 2007, p.123).

---

[2] Mesmo que tenham sido utilizados gráficos com dados numéricos como ponto de partida para análise dos dados (questionários), classificamos o presente estudo como qualitativo. Isso porque concordamos com Gatti (2012), em seu artigo "A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios", quando a autora afirma que quantidade e qualidade não estão dissociadas totalmente na pesquisa. A primeira é uma tradução de como tal fenômeno se apresenta e precisa ser interpretado qualitativamente na pesquisa.

Em nossa análise, observamos e apresentamos uma resposta sobre o que investigamos: as resistências encontradas pelos docentes, quando se trata do uso das novas tecnologias, surgem não só por motivos deles não terem tido uma formação que contribuísse para isto. Muitas vezes, o espaço físico da escola não contribui para que esta inserção aconteça e, dentro desse contexto, aproveitamos para dialogar com os professores da escola, que serviu como participantes desta pesquisa.

Quanto às técnicas, utilizamos questionários, que foram aplicados com estes professores, no intuito de avaliar como se dá a inserção dos recursos tecnológicos no planejamento das aulas. Embora não exista uma metodologia padrão para o desenvolvimento de questionários, podemos encontrar algumas recomendações com relação a essa técnica no processo de pesquisa científica, como esclarece Severino:

> As questões devem ser pertinentes ao objeto e claramente formuladas, de modelo a serem bem compreendidas pelos sujeitos. As questões devem ser objetivas, de modo a suscitar respostas igualmente objetivas, evitando provocar dúvidas, ambiguidades e respostas lacônicas. Podem ser questões abertas ou fechadas. (SEVERINO, 2007. p.125)

A escola que serviu de campo de pesquisa foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Ademar Veloso da Silveira, mais conhecida como Estadual de Bodocongó. Surgiu em 1965, depois de uma pesquisa feita por uma estagiária do Curso de Serviço Social, Sra. Dione Figueira dos Santos, para um levantamento de necessidades sentidas pela comunidade do bairro naquela época. Nesta pesquisa, a principal reivindicação mais urgente foi a necessidade de uma escola secundária, uma vez que um grande número de alunos alegava deixar os estudos, devido à falta de recursos e a preocupação dos pais, quando do retorno dos seus filhos no horário noturno, devido à distância das escolas, que eram poucas unidades na cidade.

Então, através do resultado da pesquisa e do departamento da Sociedade de Amigos do Bairro de Bodocongó e diversas reuniões no Colégio Estadual de Campina Grande (no bairro da Prata), foi inaugurada a escola secundarista, que funcionava num prédio cedido pela Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, situada no mesmo bairro, trazendo um grande incentivo aos jovens da comunidade.

Com o aumento da população do bairro, que, já naquela época tinha várias empresas, um dos empresários, o Sr. Ademar Veloso da Silva, fez em 1968, a doação de um de seus terrenos existentes no referido bairro ao estado, para que fosse construído o Colégio Estadual de Bodocongó; a construção foi iniciada e no mesmo ano teve o Decreto de Criação nº 4.596/68, publicado no Diário Oficial do Estado da Paraíba, dispondo com a autonomia de funcionar com o recurso de primeiro grau do 5º ao 8º ano (hoje 6º e 9º ano do ensino Fundamental), e iniciou o Curso de Ensino Médio no ano de 1990, de acordo com a Lei 13.484 de 22/12/1989.

A escola, que atende à populosa comunidade do bairro e adjacências, tem hoje aproximadamente 1.300 alunos matriculados, e é motivo de orgulho para a comunidade, a mesma passou por reforma, sendo ampliada para melhor atender à comunidade estudantil e conta atualmente com o seguinte espaço físico:

QUADRO 01 – ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA

ESPECIFICACÃO/ÁREA	QUANTIDADE
Secretaria	01
Salas de aula	19
Sala do AEE	01
Laboratório de Matemática	01
Biblioteca	01
Laboratório de Robótica	01
Sala de Professores	01
Cozinha/Cantina	01
Depósito de Merenda/Dispensa	01
Banheiros	10
Refeitório	01
Quadra poliesportiva	01
Auditório	01
Almoxorifado	01
Laboratório de Ciências	01
Sala de Vídeo	01
Sala de Informática	01
Sala da Direção	01
Arquivo Morto	01

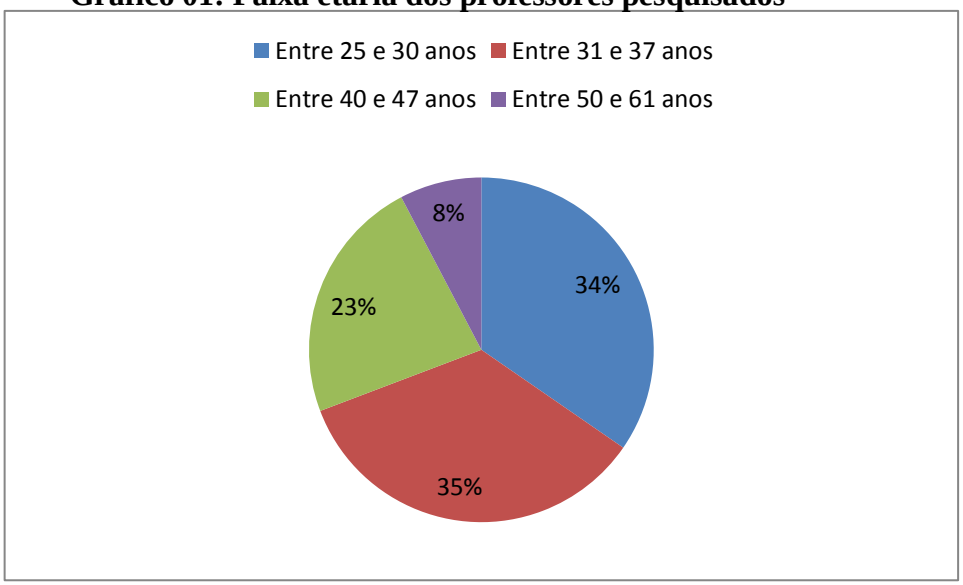
Fonte: PPP 2017 da E.E.E.F.M. Ademar Veloso da Silveira

6. COLETA DE DADOS

Nesta primeira fase da pesquisa, utilizamos o método exploratório, com a aplicação de um questionário aos 26 professores da escola, que lecionam várias disciplinas entre as séries finais do Ensino Fundamental e Médio, também com os professores que lecionam no EJA, nos três turnos em que a escola funciona. O questionário (ver Apendice) foi elaborado em duas partes: a primeira identificava o professor, sua formação acadêmica e a/as disciplina/as que lecionam; a segunda parte do questionário trazia perguntas sobre o tempo de cada professor em sala de aula, carga horária, a utilização das mídias digitais em sala de aula e a sua formação acadêmica.

No que se refere ao perfil docente, os gráficos a seguir apresentam as características dos professores que se dispuseram a responder ao questionário. O gráfico 01 apresenta a faixa etária dos docentes. Mais da metade dos pesquisados, 8% dos professores, possuem entre 50 e 61 anos, de idade. Apenas 23%, possuem entre 40 e 47 anos de idade, 34% possuem entre 25 e 30 anos e 35%, estão entre os 31 e 37 anos de idade. Ressaltamos que a idade dos professores não influencia necessariamente em sua prática docente. Porém, segundo os participantes da pesquisa, as formações iniciais e continuada, estas, sim, promovem um impacto significativo na atuação em sala de aula, sendo esta constatação proferida pelos professores, salvaguardando suas singularidades, em conversas informais, pós-aplicação dos questionários.

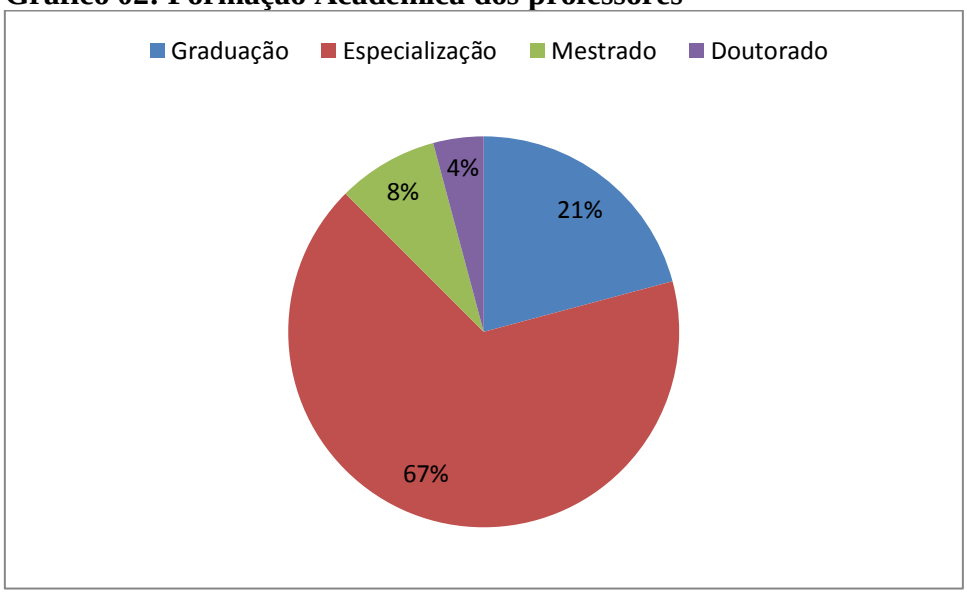
Gráfico 01: Faixa etária dos professores pesquisados



Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

O gráfico 02 nos mostra resultados sobre a formação acadêmica dos pesquisados. Como podemos ver apenas 8% e 4% dos professores da escola possuem Mestrado e Doutorado, respectivamente. Se sobressaem os 67% dos professores especialistas. Os 21% que sinaliza a graduação são a maioria, os que entraram na Rede de Ensino no último Concurso Público promovido pelo Estado da Paraíba.

Gráfico 02: Formação Acadêmica dos professores



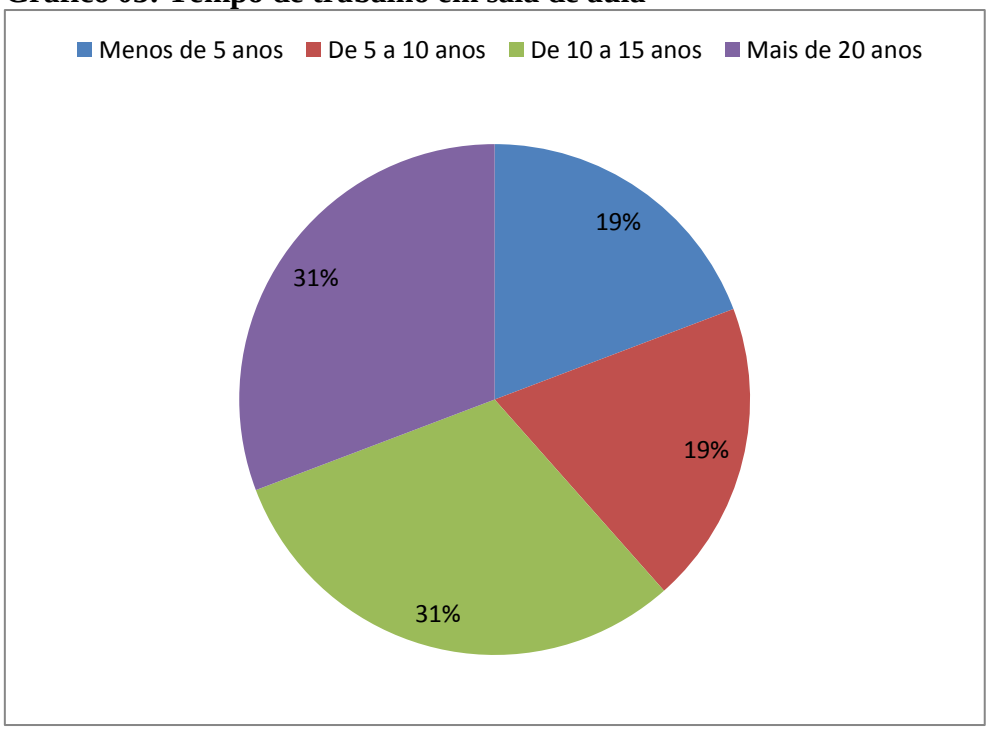
Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

O gráfico 03, mostra o tempo de trabalho que os professores lecionam na escola estão lecionando. Observamos que, dos professores que estão em sala de aula, de 5 anos e entre 5 a 10 anos, a porcentagem é a mesma, 19%, como também, dos professores que permeiam de 10 a 15 anos e os que tem mais de 20 anos em sala de aula, a porcentagem é de 31% para ambos.

Dos que têm mais de 20 anos, a maioria comentava que já estava em seus últimos anos como professor e fazia uma análise sobre as mídias digitais no tempo que eles começaram a ensinar aos dias de hoje. Para eles, as contribuições da tecnologia têm trazido mais interação à

sala de aula e que servem de complemento para alguns assuntos que o livro didático traz, mas não de forma completa.

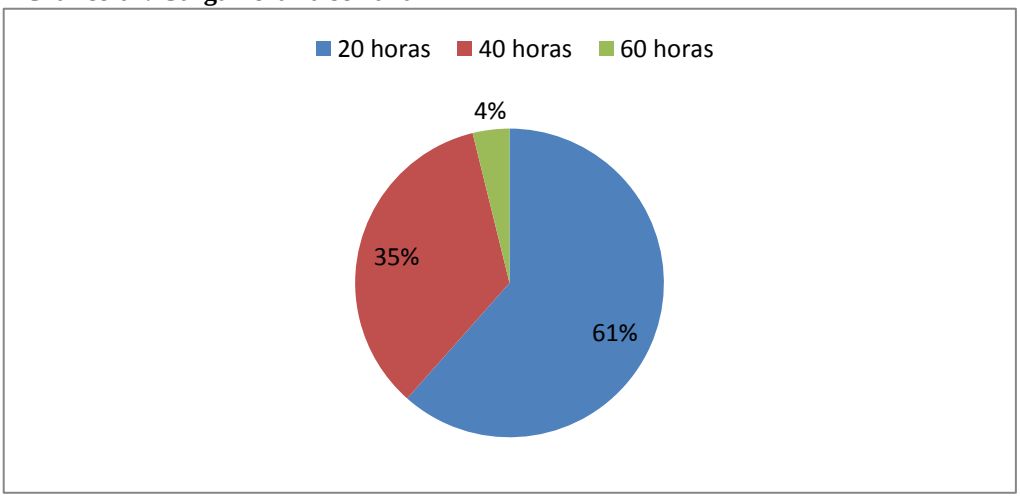
Gráfico 03: Tempo de trabalho em sala de aula



Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

O gráfico 04 apresenta a quantidade de horas semanais, dos professores em sala de aula, e dentro desta carga está o momento em que esses profissionais têm para fazer um planejamento para as suas aulas. Neste momento, o contato com a tecnologia é importante para eles, pois, segundo alguns, a rapidez que o arsenal tecnológico tem faz com que eles possam pensar em outras possibilidades e métodos e aplicá-los em suas aulas.

Gráfico 04: Carga horária semanal



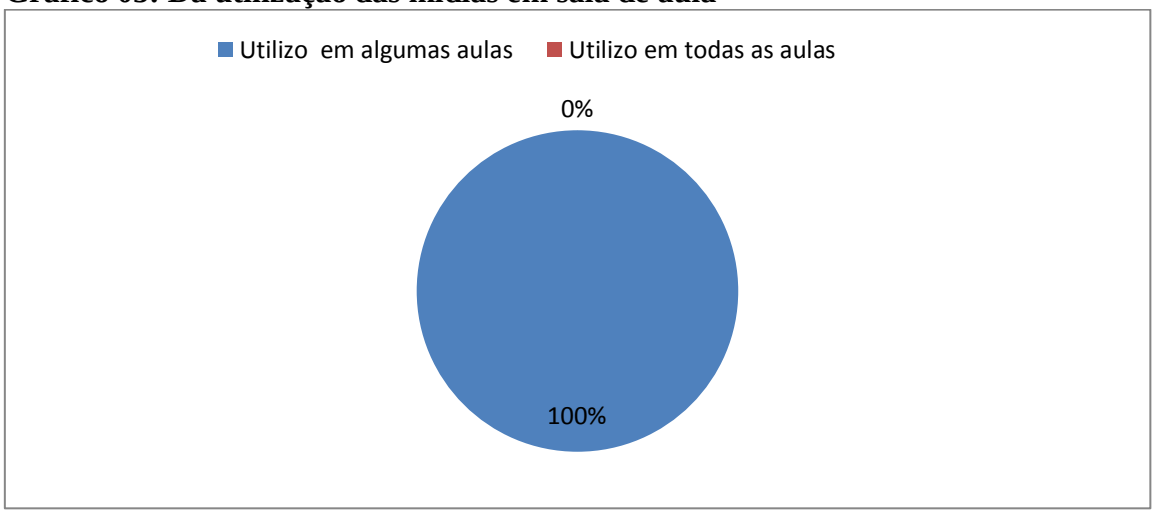
Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

Um dos professores que se encontra dentro dos 4%, que são os que cumprem as 60 horas semanais, comentou que acha dinâmico o contato com a tecnologia, pois ao preparar a aula para uma turma, utilizando as mídias digitais e conhecendo a realidade dos alunos e de

cada turma, pode encontrar outras diversas maneiras de aulas e levá-las para sala de aula . Esse professor abordou também que o livro didático, pelo menos para ele, não possibilitava isto e que não se sente tão limitado ao preparar suas aulas com o apoio das mídias digitais.

Como podemos observar no gráfico 05, por unanimidade, todos os professores utilizam as mídias digitais em suas aulas, cada um com seus saberes em manuseá-las. Eles veem nas mídias digitais um apoio para dinamizar algumas aulas, que a forma escrita necessita para que o aluno possa interagir bem mais sobre o assunto abordado. Não dispensam totalmente os materiais que já estavam em uso para o ensino e aprendizagem, mas agregam as mídias digitais a estes materiais e assim desenvolvem aulas bem mais atrativas.

Gráfico 05: Da utilização das mídias em sala de aula



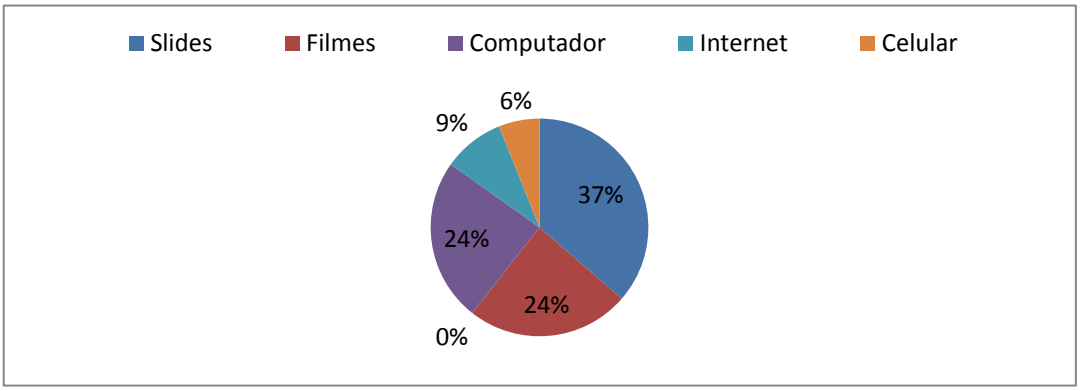
Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

O gráfico 06 traz alguns dos recursos que podem ser utilizados em sala de aula. 37% dos professores utilizam *slides* em suas aulas, pois é uma forma de abordarem os assuntos de forma mais prática e lembraram da época em que utilizavam as antigas folhas de transparências e que tinham que tirar xerox das partes dos livros que queriam mostrar aos alunos ou fazer pequenos recortes.

Os 24% utilizam os computadores e filmes que estão disponíveis na escola, nas salas de informática e vídeo, para realizarem algumas pesquisas relacionadas aos assuntos e assistirem documentários.

O celular é pouco utilizado ainda, apenas 6% fazem uso dele e isto se justifica, ou seja, a não utilização, devido à dispersão de assunto causada pelos alunos, mas que com uma boa frequência o celular, como também a internet, que soma 9%, são usados em sala de aula, para fazer pesquisas rápidas no momento da aula.

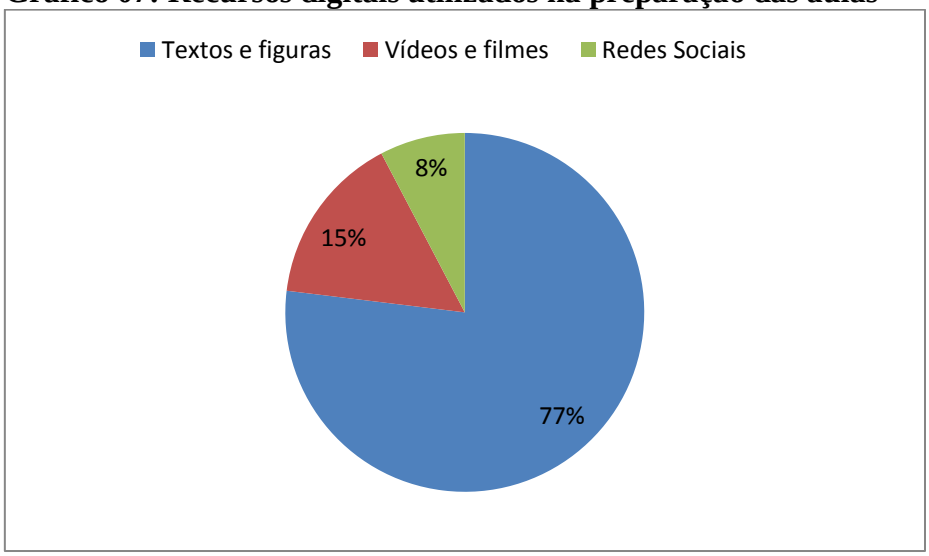
Gráfico 06: Dos recursos digitais utilizados em sala de aula



Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

Dos recursos digitais utilizados na sala, apontados no gráfico 07, os questionários apresentava os textos e figuras e as redes sociais também, que somam 77% e 8%, devido às informações que se atualizam em tempo real. O mesmo argumento para os vídeos e filmes, que têm uma utilização de 15%, foram os documentários nas áreas de assuntos de algumas aulas.

Gráfico 07: Recursos digitais utilizados na preparação das aulas



Fonte: Acervo do pesquisador 2019

A ideia de como são utilizadas as mídias digitais, pelos professores da escola, mostrada pelo gráfico 08, se sobressai com os 88% na introdução de algum conteúdo, principalmente no início do bimestre da escola. Os 12% que utilizam as mídias na conclusão do conteúdo, geralmente, o faz para além de concluir, também para fazer uma revisão rápida das principais ideias abordadas durante todas as aulas. Os professores tomam as mídias digitais como suporte importante neste contexto, evitando, assim, aquelas aulas, em que os alunos reproduziam os assuntos das aulas anteriores, como forma de revisão bimestral, para a realização de avaliações bimestrais.

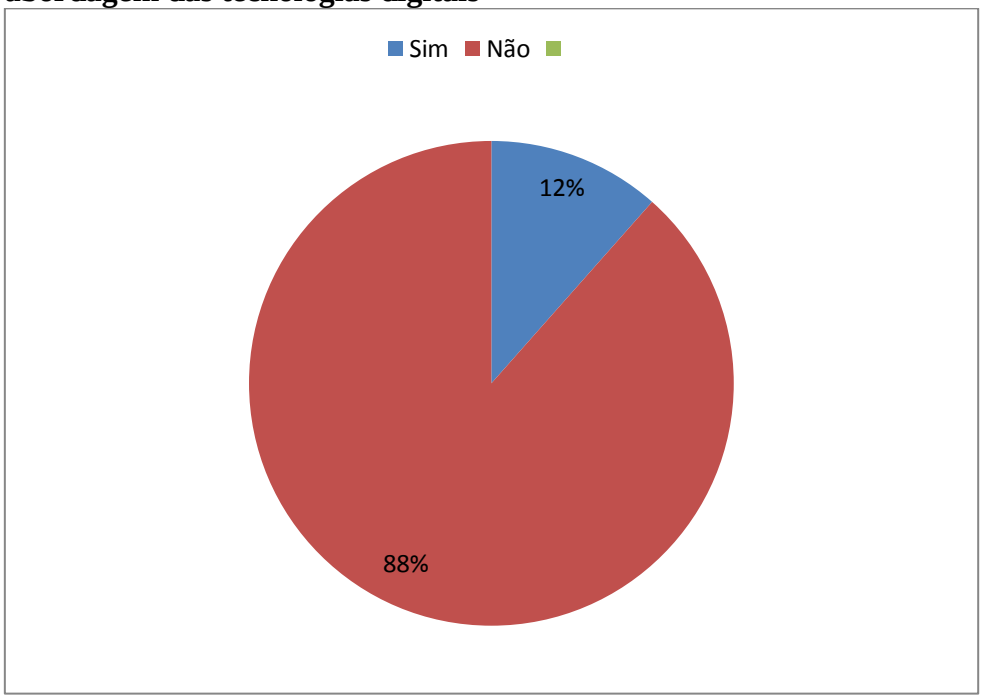
Gráfico 08: Como são utilizadas as mídias digitais nas aulas

Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

O gráfico 09 mostra o resultado sobre a participação em cursos de formação ou aperfeiçoamento, no que diz respeito às mídias digitais. Percebemos que a maioria dos professores não teve esse contato com disciplinas que os preparassem para o manuseio das tecnologias em sala de aula, como também o contato após sua formação. Isto é constatado na porcentagem mostrada pelo gráfico, que soma 88%.

Apenas 12% tiveram algum curso de aperfeiçoamento. Um dos professores que participou de algum curso fez isso através de cursos *on-line*, promovidos pela Secretaria de Educação de Campina Grande (SEDUC). O último ano que houve um curso oferecido aos professores foi em 2016, pelo PROINFO (Programa Nacional de Tecnologia Educacional).

Gráfico 09: Participação de Cursos de Aperfeiçoamento para professores, na abordagem das tecnologias digitais



Fonte: Acervo do pesquisador, 2019

7. RESULTADOS

Ao analisar os questionários, a coleta dos dados, podemos constatar que os professores da escola, escolhida como campo de pesquisa, apresentam uma boa aceitação em relação às mídias digitais em sala de aula. Isto é possível observar nos resultados obtidos e descritos pelos gráficos acima apresentados. Os professores revelam que os desafios que a tecnologia traz para a sala de aula é algo que não é impossível de vencer. Eles demonstram que estão atentos ao que os alunos trazem consigo para a sala de aula e que o conhecimento tecnológico eles têm, que, faz com que repensem em suas práticas pedagógicas, para que por motivos de comodismo, a forma de ensinar não se mostre distante do meio tecnológico.

Se voltarmos ao gráfico 01 verificamos que a idade dos professores não influenciava em suas práticas docentes. Os professores com mais experiência, pelo menos os desta escola, não sentem dificuldades em trazer para a sala de aula as mídias digitais e quando estas dificuldades acontecem, eles pedem auxílio dos alunos para os simples detalhes, afinal, a sala de aula não é, principalmente na realidade de hoje, apenas um local de ensino, mas um espaço de troca, de interação. As mídias digitais são vistas também como uma forma de afastar da sala de aula a rotina, a monotonia e fazer dela, realmente, um lugar onde o conhecimento não se prende às paredes e sim ultrapassam-nas levando o aprendizado e recebendo-o também, além dos muros da escola.

Os professores na clareza de suas respostas e principalmente nas perguntas que abordavam o contato com as mídias digitais durante e pós-formação, demostram a preocupação de não serem disponibilizados cursos que os ajudem a trabalhar melhor com as tecnologias. Ao mesmo tempo em que eles entendem que as mídias digitais, na prática docente, contribuem de forma significativa no processo de ensino e de aprendizagem, compreendem bem mais, que é fundamental que o professor esteja capacitado, e principalmente disposto a utilizá-las, de uma maneira planejada e organizada, de forma que os alunos, ao usufruir dessas ferramentas de ensino, possam fazer parte ativa da construção do conhecimento.

Se nesta pesquisa o nosso foco foi investigar a aversão de professores, quanto à inserção das mídias digitais, abordando a tecnofobia como denominação para este fenômeno dentro da educação; também como foco investigativo a utilização dessas mídias digitais em sala de aula, fomos surpreendidos de maneira positiva, no que se procurou investigar em relação à aversão, embora esse contato não tenha sido contemplado em sua formação docente. Os professores da Escola Ademar Veloso da Silveira, não demostraram nenhum tipo de aversão quanto ao surgimento das mídias digitais e as utilizam como método para se trabalhar as suas aulas. Como prova disso, trazemos uma fala de um dos professores:

> *Nesta perspectiva, fica explícito que é preciso formar novos estudantes para o presente, com conhecimentos atualizados no âmbito digital, de modo que sejam capazes de utilizar os recursos tecnológicos com desenvolvimento. Sabemos que a influência tecnológica na educação traz perspectivas de um novo campo de saber e de intervenção, o que vem se desenvolvendo no mundo inteiro, e que favorece na formação do sujeito, assim contribui para transmissão de conhecimento sociocultural no geral.*

Ao mesmo tempo, obtivemos outra resposta, também positiva, para o segundo foco investigativo, que é a inserção da tecnologia à sala de aula. Consideramos, assim, pelo que já estudamos sobre o tema, os professores da escola Ademar Veloso da Silveira, como tecnófilos, que se preocupam em estar atualizados tecnologicamente.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho com as tecnologias no campo educacional torna-se algo muito importante, pois a tecnologia avança rapidamente a todo instante nessa ótica, requer atenção para o aluno a ser atendido neste novo contexto digital. O estudo realizado mostrou que há muitas vantagens com a inserção das mídias digitais no espaço escolar, por exemplo, não se trata apenas de "repassar conteúdos", mas sim de inseri-las nos processos de ensino e aprendizagem, aumentando a motivação, a interação, as pesquisas, o uso da internet, entre outros benefícios.

Por isso, concordamos que ao usar as mídias digitais como ferramenta de trabalho, possibilita-se a formação de uma geração mais atuante, presente e inovadora, que pode aprender muito mais. A escola como instituição de função social e formativa, deve buscar inserir os recursos midiáticos com mais frequência, incentivar, estimular e preparar o corpo docente para utilizá-los em sala de aula, de modo que a categoria sinta a necessidade de seu uso e que tenha a certeza de sua disponibilidade. Assim como a escola, o professor também precisa ir além do contexto educacional e tornar um contínuo pesquisador, buscar estar sempre atualizado, através de cursos de formação docente, para, então, poder atuar e utilizar os recursos que a mídia oferece em sala de aula.

Concordamos que é preciso dedicarmos atenção para as novas tecnologias no espaço escolar. Os desafios são muitos, a superação dos mesmos não é fácil, mas o professor deverá buscar a melhor forma possível de aplicá-la na sua prática docente. O grande desafio nesta era contemporânea da informação não é a capacidade de produzir, armazenar ou transmitir informações, mas sim reconhecer o que é importante saber e, de fato, utilizar essa ferramenta a seu favor.

Consideramos que professores e alunos estão imersos nas culturas de meios de comunicação trazem para a escola as suas vivências, as quais não podem ser ignoradas, por isso, precisamos assumir o papel crítico frente às mídias.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais :** Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 2001.

BUZATO, Marcelo El Khouri. **Letramentos digitais e Formação de Professores**. São Paulo: Portal Educarede, 2006.

CAMPINA GRANDE. Estado da Paraíba. Secretária do Estado e da Educação. E.E.E.F.M. Ademar Veloso da Silveira. **Projeto Político Pedagógico**. Campina Grande 2017.

COSTA, Hélio Lemes. **Ansiedade na era da informação**. UFSC .1999, [on-line].

DEMO, P. Pesquisar o que é? In: DEMO, P. **Pesquisa:** Princípio Científico e Educativo. São Paulo: Cortez, 2005, p.11-44.Disponível: http:// usuários.fepesmig.br/helio/ansiedade.htm [acessado em 20/12/18]

GATTI, B. A.. A construção metodológica da pesquisa em educação**:** desafios. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 28, p. 13-34, 2012.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? :** Novas exigências educacionais e profissão docente. São Paulo: Cortez, 2010.

NISKIER, A. **Tecnologia educacional**: uma visão política. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed. 2000.

PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico] : métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico / Cleber Cristiano Prodanov, Ernani Cesar de Freitas. – 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Ana Elisa**. Escrever, hoje**: palavra, imagem e tecnologias digitais na educação 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. (Linguagens e tecnologias; 6)

SANCHO, J. M. **Para uma Tecnologia Educacional.** *In***:** SANCHO, J. M. **A tecnologia**: um modo de transformar o mundo carregado de ambivalência. (Org**.)**. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2001

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico** / Antônio Joaquim Severino. – 23.ed.São Paulo: Cortez, 2007.

Sou professor!: a formação do professor formador/ Organizadora Isabel Cristina Hierro Parolin; ilustrações Dagoberto Ismar Pereira Junior. – Curitiba : Ed. Positivo, 2009 : il.

TRIVINOS, Augusto Nibaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

BASEADO NAS DIRETRIZES CONTIDAS NA RESOLUÇÃO CNS Nº466/2012
(Normas e Diretrizes Brasileiras que ordenam as pesquisas envolvendo seres humanos, incluindo as Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde - CNS.)

Prezada Senhora **Ana Cristina Andrade Silva Santos**

Esta pesquisa é sobre *"As mídias digitais na formação do professor: a tecnofobia em questão"* e está sendo desenvolvida por Robson dos Santos Souza, do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus I, sob a orientação da Profª Drª. Simone Dália de Gusmão Aranha.

O objetivo geral do estudo é analisar a inserção das mídias digitais na formação de professores de uma escola estadual em Campina Grande/PB. Com essa pesquisa, temos o intuito de contribuir para a aplicação de recursos tecnológicos nos processos de ensino e aprendizagem.

Solicitamos a sua colaboração para aplicar questionários com professores dessa instituição escolar, como também a sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área da Educação e, posteriormente, publicar os resultados em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, os nomes dos participantes serão mantidos em sigilo absoluto.

Esclarecemos que a participação desses professores no estudo é voluntária e, portanto, não são obrigados a fornecer informações e/ou colaborar com a atividade solicitada pelo Pesquisador. O pesquisador e a sua orientadora estarão à disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Robson dos Santos Souza
Assinatura do pesquisador

Simone Dália de Gusmão Aranha
Assinatura da orientadora

Considerando, que fui informada dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será a participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Campina Grande, 13 de junho de 2019.

Ana Cristina Andrade Silva Santos
Assinatura da gestora da Escola Ademar Veloso da Silveira

Ana Cristina Andrade Silva Santos
Diretora Escolar

Ana Cristina A. Silva Santos
GESTORA ESCOLAR
AUT. Nº 1655

ANEXOS

UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES

Orientadora: Profª Drª Simone Dália de Gusmão Aranha

Orientando: Robson dos Santos Souza

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

I Dados de Identificação do professor

1. Nome:_____
2. Idade:_____ Sexo: ( ) M ( ) F
3. Formação Acadêmica: ( ) Graduação ( ) Especialização ( ) Pós-Graduação
   ( ) Mestrado ( ) Doutorado
4. Disciplina que leciona atualmente:_____

II Responda ás seguintes questões:

1. Há quanto tempo você leciona na rede regular de ensino?
   ( )Menos de 5 anos
   ( ) De 5 a 10 anos
   ( )De 10 a 15 anos
   ( ) Mais de 20 anos
2. Qual a sua carga horária semanal?
   ( ) 20 horas
   ( ) 40 horas
   ( ) 60 horas
3. Qual a sua posição quanto ao uso de mídias digitais na educação?
   ( ) Utilizo como material de apoio em algumas aulas
   ( ) Utilizo em todas as aulas porque considero seu uso imprescindível
4. Qual (is) recurso(s) digital (is) você utiliza com mais frequência durante sua aula?

   ( ) Slides
   ( ) Filmes
   ( ) Tablet
   ( ) Internet
   ( ) Celular

( ) Computador
( )Outros (exemplifique) _____

5. Qual (is) recurso(s) digital (is) você utiliza, com mais frequência, para preparar suas aulas?
   ( ) Textos e figuras da internet
   ( ) Vídeos e filmes
   ( ) Redes Sociais
6. Como são utilizadas as mídias digitais nas suas aulas?
   ( ) Para introduzir determinado conteúdo.
   ( ) Para concluir um conteúdo
   ( ) Outra forma (exemplifique)_____
7. Qual a sua opinião sobre o uso de mídias digitais nos processos de ensino e aprendizagem?_____
   _____
   _____
   _____
8. Nos últimos dois anos, na escola que você atua, houve alguma oferta de Cursos de Aperfeiçoamento para professores, que abordassem o uso de tecnologias digitais? Você participou desses cursos?
   _____
   _____
   _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus familiares, Enedina dos Santos Souza (mainha), José Balbino Neto (padrast), José Domingos (pai), Raniere dos Santos Souza (irmã), João Miguel (sobrinho) e Josefa Enedina da Conceição (Vovó) por sempre me apoiarem durante toda esta caminhada nesta Universidade. De forma especial, agradeço a minha tia, amiga e companheira, Professora Maria do Carmo Luna dos Santos (Tia Carminha), que sempre foi e continua sendo grande exemplo de conquista para a minha família e a dela.

Não posso esquecer – me de uma grande amiga que encontrei nos anos iniciais, como aluno, a Professora Marilda Coelho da Silva (madrinha Marilda). Recordo o seu jeito impulsionador de me fazer seguir naquilo que eu queria, mesmo sendo tão jovem. Agradeço também a Professora Maria do Carmo Basílio Vicente (Caia), que no ano de 2015, me acolheu no corpo docente da Escola Municipal Manoel Agostinho Pereira e estando à frente da escola como gestora, sempre abriu espaço nos momentos em que precisei me ausentar do trabalho para poder participar das atividades extras da universidade.

Aos meus amigos do Primeiro Período (2014.2), a Turma 101, que, sempre elogiada pela união, caminhou até os últimos momentos da formação acadêmica. As outras pessoas amigas, que surgiram em outros períodos acadêmicos e que me fizeram mais feliz, Delma Delmira (“guerreira”), Isis Gonçalves (“minha cúmplice”), Rossana Emanuele (“minha caixa de surpresa”), estes nomes representam as amizades que a UEPB me presenteou. Agradeço aos empresários, a Srª Luciana (tia Lú) e ao seu esposo, o Sr. Aparecido, como toda a sua família (Sarah, Luana. Isaac, Lucyane, Eguinaldo, Pedro, Malu e Buck), que ao me mudar para residir na cidade de Campina Grande, no ano de 2017, faziam questão de me levar e trazer da universidade, sendo “meus anjos protetores”. Aos meus amigos, Douglas Vieira Câmara e Alex Tomaz, por serem vidas em minha vida.

Não posso sair desta Instituição e não render meus agradecimentos àqueles que possibilitaram junto a minha pessoa, esta formação que agora concluo. Aos meus professores e minhas professoras: Cléa Gurjão (“rainha”), Adalberto Teixeira (“Camões”), Jessika Carvalho (“princesa da Sociologia”), Marcelle Ventura (“a literária”), Kalina Naro (“a expressão do que é literatura em seus mistérios”), Raniere Fonseca (“nosso Ripokeymon”), Ana Lúcia (“o caminho da literatura por nossas vidas”), Ranieri Machado (“inteligência que vence os desafios’), Jomário Pereira (“ o menino da Metodologia”), Marcelo Medeiros (“Marcelão”), Rinaldo Brandão (Reverendo), Flaviano Maciel (“o noivo do período”), Ludmila Porto (“nossa flor”), Zélia Maria (“mãe”), Anacãn Agra (“o pai do ano”), Roberto Ribeiro (“desde que vento não seja pronome de tratamento...”), Alfredina do Vale (“símbolo da sabedoria”), Marta Anaísa (“confidente da Veja’), Dalva Lobão (“ o amor que se expressa no olhar”), Magliana Rodrigues (“a excelsa”), Jhonathan Leal (“o menino objetivo”), Fabíola Mônica (“a reverenda”), Francisca Zuleide (“madrinha”), Mestranda Jéssica (“o carinho da literatura”), Iara Francisca (“a sereia”), Ana Paula (“a pequena grande”), Clara Regina (“a mãe amorosa”), Camila Dutra (“a compreensão’), Luciano Justino (“Zumbi dos Palmares”), Eli Brandão (“nosso mestre”), Dielle Marinho (“Libras fala”) e Rosângela Queiroz (“a nossa flauta”). A todos vocês, minha reverência! Minha gratidão, também, à Maria Célia Lisbôa da Costa e Lucielma de Moura (“minhas secretárias preferidas”), que sempre me receberam tão bem na Coordenação do Curso. Ao Profº. Dr. Pedro Ferreira de Lima Filho (Faculdade Luso-Brasileira – FALB), minha eterna gratidão neste momento tão especial, pelo qual você contribuiu bem mais que eu pudesse imaginar.

Deixei para citar nestes momentos finais a Professora Doutora Simone Dália de Gusmão Aranha, minha professora em dois períodos (2015.2 e 2017.1) e, por fim, minha

Orientadora. A mulher que é flor e que é aço, que me conquistou no primeiro dia em que entrou na sala do terceiro período e que arrebatou meu coração com seu sorriso. Tua presença em minha vida é eterna, porque te mostras profissional e, bem mais, humana para com os que têm a possibilidade e oportunidade de estar ao seu lado. Minha Dália, minha Rainha do Nilo, a ti minha eterna gratidão por tudo.

Agradeço, também, a duas pessoas que chegam para contribuir com este estudo: as Professoras Doutoras Tânia Maria Augusto Pereira e Robéria Nádia Araújo Nascimento: a vocês meu agradecimento pelas observações feitas nesta minha etapa final como universitário.

Ao Bom Deus, deixo, por fim, o meu agradecimento. Pela força, pelas alegrias e pela determinação em me deixar seguir esse caminho. Ao deixar para vos agradecer no final, isto não Vos torna pequeno, porque és grande diante de tudo o que há...!

VIVAT COR IESU!
PER COR MARIAE!